

LIGUE PARA UM AMIGO

Susan Schoenberger

Na porta de minha geladeira, há uma lista presa por um ímã em formato de círculo. Eu poderia tirá-la dali, porque já memorizei os números de telefone anotados nela, mas eu a guardo para minha segurança. Trata-se de uma lista extraordinária, que me faz lembrar que a vida é imprevisível e nem sempre tão ruim como imaginamos. Alguém tem de ganhar na loteria.

Certo dia, no verão de 1992, quando meu filho tinha seis meses de idade, recebi uma carta. Era escrita à mão, uma carta do tipo que gostamos de encontrar em meio a uma montanha de correspondência inútil. Eu a li três vezes.

A remetente, A. J. Blye, era mãe de dois filhos e se mudara recentemente da Califórnia para Baltimore. Ela conseguiu nosso nome e endereço no serviço de fraldas que utilizávamos e dizia que tinha uma ideia.

Ao lembrar-me do fato, fico surpresa por meu lado racional não ter suspeitado de que uma tal A. J. poderia fazer parte de uma quadrilha de sequestradores. Mas a carta tocou no ponto certo: eu estava de licença-maternidade e começando a me dar conta do quanto era difícil encontrar novas amizades que se dispusessem a fazer-me companhia enquanto eu misturava cereais de arroz em uma tigela. Eu nunca fui o tipo de pessoa que bate na porta de alguém e se apresenta surgindo daí uma longa amizade.

Mas A.J. era.

Em um sábado, meu marido e eu caminhamos alguns quarteirões até a casa dela e conhecemos sete casais da vizinhança, cujos filhos ainda usavam fraldas. Em poucas horas, organizamos uma cooperativa de babás e fizemos um acordo de revezamento. Às sextas-feiras à noite, dois casais tomariam conta de todas as crianças para que os outros seis casais pudessem sair de casa.

Saí de lá com minha lista de telefones.

A princípio, os números não me diziam nada. Eram tão frios como acontece quando conversamos com uma pessoa desconhecida do outro lado da linha. Fiquei um pouco nervosa e em dúvida se deveria telefonar para algum deles. Eu receava ligar em hora errada ou falar com alguém que não tinha certeza de se a tal cooperativa havia sido uma boa ideia.

De certa forma, todos confiamos um no outro antes de nos conhecermos realmente. Além do mais, eu achava que os casais que estavam dispostos a deixar seus filhos comigo poderiam ser confiáveis para cuidarem do meu. Porém, a amizade entre nós levou tempo para se firmar.

Todas as sextas-feiras à noite, eu conhecia um pouco mais as pessoas de minha lista, quando tropeçávamos em brinquedos espalhados ou quando saíamos juntos em nossos dias de folga. Os números de telefone tornaram-se familiares. Eram quase discados automaticamente, e todas as crianças e mães passaram a ser pessoas especiais — uma espécie de parentes, já que os meus eu não tinha por perto.

Aquela lista modificou minha vida. Eu me dei conta disso em um dia de verão ao almoçar na companhia de três mães e de quatro crianças. Pedacos de cachorro-quente e migalhas de batatas fritas espalhavam-se pelo chão enquanto conversávamos sobre livros, cinema e dentição. Compreendi que eu, teria gostado daquelas pessoas como amigas mesmo se elas não tivessem filhos.

Hoje, quando olho para o papel manchado de suco preso na porta da geladeira com o ímã circular, vejo o que me une a meus vizinhos. Morei em vários lugares desde que saí da faculdade – cinco cidades em nove anos – e nenhum deles me fez sentir em casa. Mas por que a casa de minha mãe era um verdadeiro lar? Não era por causa das Fotografias emolduradas, nem do piano ou da lareira. Era por causa da lista de número de telefones à qual ela podia recorrer todas as vezes que necessitasse de uma amiga para planejar uma festa, transmitir otimismo a um de seus quatro filhos ou simplesmente bater um papo no meio da noite.

Minha lista é poderosa, porque posso fazer uso dela imediatamente e pela segurança que me dá. Se eu organizar uma Festa, alguém comparecerá.

Houve um tempo em que tal lista poderia surgir naturalmente caso as crianças crescessem em seus respectivos bairros, casassem ali mesmo e tivessem filhos. E os avós provavelmente ficariam por perto, prontos para tomar conta dos netos uma vez por semana.

Mas isso ficou cada vez mais raro. Dos 16 adultos de nosso grupo, apenas dois foram criados em Baltimore e ainda têm família por lá.

A lista, presa na porta da geladeira, tem cumprido seu papel. Significa que estou em casa.